

OS (DES)CAMINHOS DO AMOR: HISTÓRIA E TRADIÇÃO NA LITERATURA DE CORDEL

Emannuelle Carneiro da Silva (PPGL-UFPB)

Resumo:

Em todos os tempos, em todos os espaços, as relações amorosas obedecem a rituais próprios que transformam, estigmatizam e identificam os seus participantes. Enganam-se aqueles que concebem o amor apenas como uma emoção simples e corriqueira. Em termos discursivos, esse pathos envolve delineamentos sociais, políticos, culturais e, por conseguinte, ideológicos. Na história da humanidade, as paixões sancionam os amantes, dilaceram os algozes e dão a redenção aos enfermos, destituindo-lhes poderes e/ou ofertando-lhes sortilégios. Nesse âmbito, pretendemos analisar, em textos da literatura popular, a configuração psicoideológica do amor, a fim de compreendermos como um sentimento, envolvido culturalmente pelo signo da positividade, mantém laços estreitos com a dor, o sofrimento e o horror. Resulta dessa corrupção afetiva e conflitante um processo de negação identitária, onde a subjetividade é dilacerada, subjugada, travestida e demolida. O corpus constou do folheto de cordel O amor cangaceiro de Lampião e Maria Bonita, compilado pelo cordelista paraibano Vicente Campos Filho. Recorremos aos constructos operacionais e epistemológicos da semiótica greimasiana, especialmente os estudos desenvolvidos por Greimas (1975), BATISTA (2008) e RODRIGUES (2012). Examinamos a organização dos percursos de cada sujeito semiótico em busca de seu objeto de valor, buscando identificar as modalidades que os instauram, visto que na medida esse procedimento permite desvelar valores axiológicos que se encontram subentendidos às performances de tais actantes.

Palavras-chave: Literatura de Cordel-Amor-Tradição

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar à luz da Semiótica de linha francesa o cordel ‘O amor cangaceiro de Lampião e Maria Bonita, escrito por Vicente Campos Filho, um cordelista paraibano.

Como aparato teórico, usaremos a Teoria Semiótica de Greimas, (1993) pois o mesmo tem seus estudos voltados para a Linguística de base filosófica e define a Semiótica como sendo a busca de sentido, e ainda Barros (2012) pois a mesma menciona que a semiótica procura descrever e explicar o *que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*.

Também será de grande valia em nossos estudos, a contribuição teórica e analítica de Batista (2012) a qual faz um percurso de toda a história da Semiótica e possui análises em vários *corpora*, fornecendo base para estudo.

Como metodologia para este trabalho, utilizaremos a teoria Semiótica aplicada, abordada em autores como Greimas(1993), Rastier (2002), Barros (2012), e a autora Batista (2012), os mesmos fornecerão suporte para a construção do texto e aplicar tal teoria ao *corpus* que abrangerá um único folheto de cordel,o qual será analisado segundo os parâmetros estabelecidos pelo arcabouço teórico aqui mencionado.

Fundamentação Teórica

Antes de surgir com esta nomenclatura e com as ideias então vigentes, a Semiótica teve seu princípio no Curso de Linguística Geral,nas palavras do linguista Saussure,no ano de 1916, quando o mesmo mencionou que surgiria uma ciência que estudaria *a vida dos signos, no seio da vida social*, e que receberia o nome de *Semiologia*,(1972,p.24)

Desde então vários estudos foram feitos a partir das palavras de Saussure,pesquisas nas mais variadas esferas da comunicação humana, que vão desde a publicidade ao texto,do verbal ao não-verbal , das construções arquitetônicas às músicas e assim por diante.No caso desta pesquisa,nos adentraremos ao estudo semiótico do texto,ligado à Literatura popular.

De acordo com Barros(2011),a Semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o *que diz e como faz para dizer o que diz*,com estas palavras podemos definir de forma sumária qual o objetivo geral da Semiótica, uma vez que se trata de uma ciência da *significação* como resultado das articulações de sentido (Bentes e Mussalim,2011).

E é esta busca das vias pelas quais se chegou a *significação* , que utilizaremos o método analítico das estruturas semióticas proposto por Greimas(1993), pois as mesmas conseguem abarcar o sentido nas entrelinhas do texto, não apenas o que está no nível superficial pois torna-se insuficiente para uma satisfatória análise do mesmo, mas o que está no nível do não-dito e o que ainda podemos extrair da subjetividade,encontrarmos o nível profundo das palavras do sujeito enunciatador e quais as possibilidades de entendimento de seu enunciatário.

E ainda convém ressaltar Barros (2011), quando diz que o texto pode ser encarado mediante duas vias, a saber:*objeto de significação e objeto de comunicação*, de modo que utilizaremos estas duas vias por motivos vários,dentre eles, acreditamos que as mesmas completam-se entre si,possibilitando uma maior busca de significação. tendo em vista a análise em questão.

E esta ideia de texto em conjunto com a busca de significação mais profunda, que a semiótica tem suas estruturas analíticas, as quais fazem parte do percurso gerativo de

sentido, a saber: estrutura profunda, estrutura narrativa e estrutura discursivas, as quais vão desde o simples e abstrato para o mais concreto e complexo dentro do campo da significação e tais estruturas serão delineadas dentro do *corpus* coletado.

A propósito das Estruturas

Estruturas Narrativas

Segundo Barros (2012, p.11) o nível das estruturas narrativas corresponde a relação entre o sujeito e o seu objeto de valor, ou seja a sua busca. Tendo como elementos de construção do programa narrativo o adjuvante, que o auxiliará, o oponente que é contrário ao objetivo do sujeito, bem como o destinador, que o instigará nesta busca. Há também a questão da instauração do sujeito no plano narrativo, que será pelas modalizações do *querer* ou do *dever*.

Vejam a organização das estruturas narrativas dentro do *corpus*:

O sujeito semiótico 1 (S1) é figurativizado por Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião, que tem como objeto de valor (OV1) neste cordel, levar Maria Bonita consigo para viverem juntos, a instauração do S1 através da modalização do *querer-ser* marido de Maria. Entretanto Maria já era casada com outro homem, mas isso não a impediu de apaixonar-se por Lampião e ir embora com ele e seguir o destino de viver no sertão como cangaceira.

Ou seja:

S1- Figurativizado Lampião

Destinador: paixão

Adjuvante: coragem

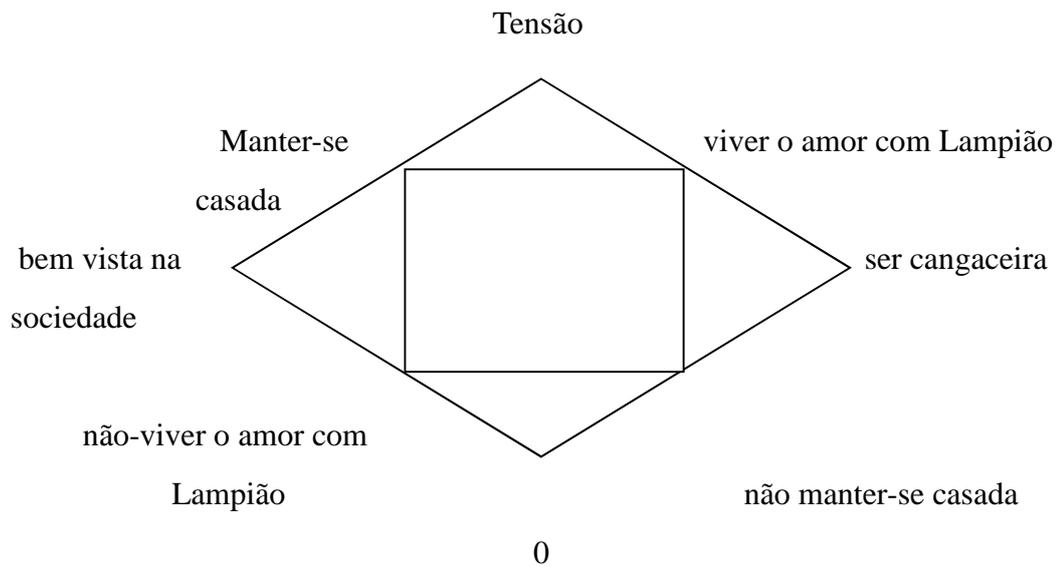
Objeto de valor: casar com Maria Bonita

Oponente: marido de Maria

A propósito do sujeito semiótico 1.

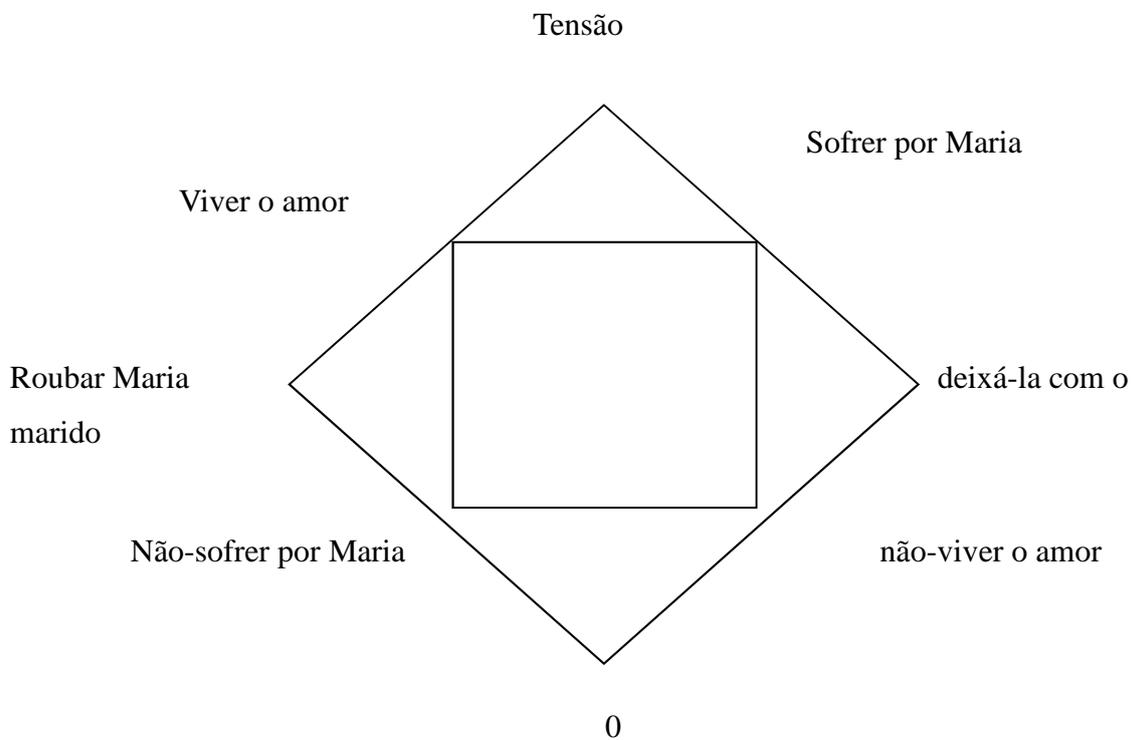
deteve às convenções de que teria de viver o resto da vida com um homem que não amava ,apenas para cumprir seu papel de mulher casada.

Podemos observar tal conflito no seguinte octógono semiótico correspondendo ao sujeito semiótico 2:



A segunda tensão encontrada no texto, é o amor de Lampião por Maria Bonita, ele quer casar com ela, mas para isso necessita de roubá-la para si, o que implica viver fugindo também do marido de Maria.

Vejamos tal tensão no seguinte octógono semiótico relacionado ao sujeito semiótico 1.



Estrutura Discursiva:

Este nível é o mais complexo e concreto, sua organização se tornará discursiva graças aos procedimentos de temporalização, espacialização, tematização, actorialização e figurativização, que completam o enriquecimento semântico do texto. Vejamos cada um desses elementos no cordel em questão.

No campo da temporalização, o texto encontra-se no pretérito perfeito, verbos como *atingiu, viu, entrou* mostram as ações ocorridas no passado, e o sujeito enunciador encontra-se debreado da enunciação pois ele narra os fatos de fora da ação.

O espaço descrito no texto é o próprio sertão nordestino, há sub-espacos como a casa de Maria Bonita, o sítio Passagem das Pedras onde nasceu Virgulino, mas todos encontram-se em um espaço maior que é o próprio sertão.

Concernete ao tema apresentado no folheto, podemos extrair que o mesmo trata-se do amor que ambos sentiram de forma recíproca, o que ocasionou o roubo de Maria, uma vez que a mesma era casada com outro homem, dessa forma o tema traição também é abordado no cordel, tudo isso é figurativizado pela ação de Virgulino ao levar Maria, vejamos nas seguintes palavras:

De despertada a paixão
Levou Maria dali
Na garupa do alazão.

Com relação à actorialização, é válido salientar que os atores presentes no cordel são Virgulino, Maria e o seu primeiro marido, mais a frente se faz uma menção ao nascimento da filha do casal, que tem por nome Expedita, e o seu pai adotivo, Severino Mamede, uma vez que a vida no cangaço impede que uma criança cresça de forma saudável.

Conclusão

Diante do exposto, podemos extrair das informações apresentadas do cordel em questão que a análise Semiótica de linha francesa é bastante viável para a apreensão da significação pois a partir do percurso gerativo de sentido, exposto por Greimas, todas as vias de sentido são apreciadas e descritas através de tal percurso, bem como informações que estão subjacentes ao texto são claramente vistas através da análise semiótica textual.

Ainda verificamos diante da análise os conflitos existentes nas entrelinhas do cordel, o amor cangaceiro foi maior do que as convenções sociais, que determinavam que Maria deveria continuar casada com seu então marido, todo o cordel trata desse amor e a saga de Maria enquanto mulher no cangaço, um fato novo até então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. Traços Sócio-semióticos e Culturais de um Texto. In: **Revista brasileira de lingüística**. Vol. 09. São Paulo: Plêiade, 1997.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer – Palavras em ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Trad. de J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença-Martins Fontes, 1974.

BALLY, Charles. **Tratado de estilística francesa**. Paris-Genebra: Livraria Geog & Cie, 1951.

_____. **El lenguaje y la vida**. Trad. de Amado Alonso. Buenos Aires, Losada, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: UNESP, 1998

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **A tradição ibérica no romanceiro paraibano**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.

_____. **Cancioneiro da Paraíba**. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1993.

_____. **O romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica**. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística. São Paulo: USP, 1999.

_____. A Significação como Função Semiótica. In: **Revista Graphos**. João Pessoa: Editora Universitária, S/D.

_____. O procedimento de conceptualização no romance oral *Conde Alarcos*. In: **Resumo da 53ª Reunião Anual da SBPC**. Bahia- Julho/ 2001.

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
*Internacionalização do Regional***

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

E-mail: emannuellecarneiro@hotmail.com

1 Emannuelle e SILVA,CARNEIRO ,DOUTORANDA

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)